

... Edição: 2003 - Vol. 28 - Nº 02 > Editorial > Índice > Resumo > Artigo

Cinema, TV e Cidadania: revendo posições

Amaury Cesar Moraes

Ao tomar dois filmes que tratam de políticas de tolerância e de inclusão nos Estados Unidos dos anos 50 – Doze homens e uma sentença e Sementes de Violência –, pretendemos discutir as relações entre cidadania e mídia (cinema e televisão) como um tema atual da educação, mantendo uma preocupação crítica no que diz respeito à incorporação de novas tecnologias, como recurso ou como objeto de ensino, à sala de aula.

Palavras-chave: educação, cidadania, mídia.

Nota explicativa

Não há porque temer nem porque esperar que eu vá aqui falar sobre cinema, tv e cidadania em seus múltiplos aspectos, traçando um panorama e respondendo às mais variadas questões acerca de possíveis relações entre mídia e cidadania. Apenas, como tem sido o trabalho do pesquisador contemporâneo, estarei mal-traçando umas poucas linhas referentes a essas relações. Na verdade, são recortes, como se tem dito, que propiciem uma abordagem que não diz a última palavra e que, no mais das vezes, inicia uma conversa, quando muito, um programa. Se pensamos em formação de professores – essa expressão já está tão falada que é sempre bom restringir-lhe o escopo –; se estamos pensando em formação de professores, sobretudo “em atividade”, “no trabalho”, creio que esse tema – cinema, tv e cidadania – não pode ser ignorado. Deve ser constante a informação, a atualização, o contato com reflexões sistematizadas, mas sobretudo o diálogo entre quantos se interessam pelas questões da educação. Não se pode restringir a “melhoria da qualidade de ensino” a reformas legais, a renovações metodológicas e a revisões de programas de disciplinas.

1.

Não se trata aqui de comemorar o uso de novas tecnologias como panacéias para os males do ensino. TV e cinema nem são novas tecnologias e por isso não podem ter esse apelo tão ao gosto novidadeiro do discurso pedagógico, sempre em busca do mais moderno, do mais científico. Na verdade, o cinema já era recomendado no começo do século XX, por exemplo, por Jonathas Serrano (1912), ao dizer que “graças ao cinematógrafo, as ressurreições históricas não são mais uma utopia” e destacava-o como recurso visual, ampliando e diferenciando-se da repetição que era a aula expositiva: “(os alunos poderiam aprender) pelos olhos e não enfadonhamente só pelos ouvidos, em massudas, monótonas e indigestas preleções.” Devo discordar em parte dessa crítica radical ao “ensino auditivo”, que deslegitimaria a aula expositiva e as formas “narrativas” de educação, levando à formação de “pessoas que não ouvem” e que não dialogam. Ainda bem que o ensino visual não substituiu o ensino auditivo, pois “ensinar a ouvir” é uma das funções da escola, embora nem sempre esteja explicitada. Mas o “ensino visual” é complementar ao auditivo e é sobre ele que estarei falando em seguida.

2.

“Não só para agir, mas até quando não nos propomos operar coisa alguma, preferimos, por assim dizer, a vista ao demais. A razão é que ela é, de todos os sentidos, o que melhor nos faz conhecer as coisas e mais diferença nos descobre.” Aristóteles, Metafísica

Entendo aqui o ensino visual em dois níveis que não podem ser separados sob pena de se perderem os frutos quando tratado parcialmente. Por um lado, tem-se a ilustração, a “ressurreição” de que falava Serrano, o exemplo para a ação, o entretenimento e até o poder catártico que pode provocar a visão de um fato reconstruído pela sua representação – atualização. Por outro, o “estudo” dessa ilustração, da ressurreição, do entretenimento e catarse, da representação do fato, isto é, a análise e a interpretação da mensagem e do meio, para falar das ambigüidades dessa dicotomia do século XX.

Trazer a tv ou o cinema para a sala de aula não é apenas buscar um novo recurso metodológico ou uma tecnologia de ensino adequados aos nossos dias, mais palatáveis para os alunos – e público – que são condicionados mais a ver do que a ouvir, que têm a imagem como fonte do conhecimento de quase tudo. Trazer a tv e o cinema para a sala de aula é submeter esses recursos a procedimentos escolares – estranhamento e crítica –, aos quais tudo o mais deve estar submetido.

Eu não posso entender essa “educação para a vida”, de que falam tantos projetos educacionais oficiais, como simples reiteração dos fatos da vida na escola, isto é, repetição dos fatos da vida e vagos

comentários - clichês convencionados - acerca dos mesmos. Não é porque se fala de problemas sociais e políticos na escola - corrupção, fome, favela, desemprego etc. - que estamos cumprindo essa obrigação de trazer a vida para a escola e com isso "preparar para a vida". Do mesmo modo, a tv e o cinema na escola tem essa dupla disposição: entrar e se chocar com as formas tradicionais do ensino, incorporando as imagens ao ensino predominantemente auditivo; mas entrar na escola para sair de outro modo: sair da escola para se chocar com as formas convencionais da assistência. Assim como os diversos aspectos da vida entram na escola na forma de disciplinas - história, geografia, física, língua etc. - e sofrem aí uma releitura científica, e passam a constituir uma visão de mundo, uma perspectiva diante da vida, a formação do homem não pode ocorrer como se quer - crítica e cidadã - se não concorrer para uma perspectiva crítica e cidadã dos meios de comunicação. Ver a tv e os filmes em sala de aula é rever a forma de vê-los na sala de estar, de jantar ou nos quartos de nossas casas e nas salas de cinema dos shopping-centers.

3.

"Mas a espécie humana [vive] também da arte e de raciocínios."
Aristóteles, *Metafísica*

É a isso que chamo estranhamento e criticidade, ou seja, romper com uma visão "naturalista" desses meios, que os toma como meros produtores de entretenimento, que não prepara para ver suas potencialidades positivas e negativas, que os identifica com um eletrodoméstico como a geladeira e o fogão - aliás a que estão associados cotidianamente, observe-se o número de programas de culinária que a tv nos oferece. Esse estranhamento e criticidade retomam aspectos da realidade como temas disciplinares: o consumismo, a substituição da literatura pela novela, a espetacularização da realidade pela apresentação da notícia, o jornalismo como entretenimento, a sucessão vertiginosa das modas, a vulgarização dos comportamentos, a superficialidade das relações pessoais etc.. Para que o sujeito conquiste autonomia, é preciso que ele "aprenda a ver" de um outro modo, isto é, com autonomia em relação ao que vê.

4.

Desse modo, o uso do cinema e da tv pode bem ser uma empresa epistemológica (XAVIER, 1983) - uma pesquisa, uma busca do conhecimento - quando se dá na escola. Os filmes sintetizam situações a partir das quais podemos favorecer reflexões que, de outras formas, poderiam ser tomadas como artificiais. Aqui, embora pareça contraditório com o que foi dito antes, é importante ressaltar efeito emocional que as imagens produzem. O cinema e a tv têm no passado a fonte de sua estruturação. Não são, assim, coisas tão modernas. Vamos tomar as palavras do mesmo Aristóteles para iluminar nossa discussão. Na *Poética*, Aristóteles diz: "A comédia procura imitar os homens piores e a tragédia, os melhores do que ordinariamente são." (1448 a 16-18). E tratando especificamente da tragédia, acrescenta: "é, pois a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado ..., imitação que se efetua não por narração, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções." (1449 b 24-27) Quero reter dessa citação de Aristóteles alguns elementos e depois passaremos a outros. Primeiro, a representação - no teatro, no filme, na novela de tv, por exemplo - tem essa função de retomar as ações, "atualizando-as" e provocando em nós sentimentos semelhantes àqueles que teríamos se participássemos diretamente dos eventos diante de nós representados. Isso não é pouco, mas há muita diferença entre ouvir a "narração" do holocausto, da escravidão negra no Brasil ou da Paixão de Cristo e "presenciá-la" numa representação. Os sentimentos provocados pela "situação de testemunha" são diferentes daqueles de "ouvir dizer".

Christian Metz (1972), a propósito do cinema, fala da "impressão de realidade" que o cinema provoca: é como se fosse uma janela que abrimos e nos tornamos testemunha do fato. Não há como não ceder às emoções, à identificação ou à oposição a certos personagens, vivendo seus sofrimentos e alegrias. (MORIN, 1970) Ou porque alguns teóricos entendem os filmes como seqüências dos nossos sonhos, isto é, o cinema é feito da mesma matéria que nossos sonhos - acordados ou dormindo -: esperança, imaginação, angústia... de sonhos mesmo.

4a.

Assim como no teatro grego, a tragédia e a comédia tinham uma função pedagógica importante - moral, política, estética, sentimental -, entendo que cinema e tv, por seguirem regras derivadas daquela dramaturgia original, podem desempenhar papel semelhante.

Muita vez o nosso discurso contra o preconceito ou a favor da tolerância não surte o efeito desejado. Talvez muito racionalizado, talvez muito informativo, talvez muito marcado por uma argumentação ao modo da demonstração geométrica, isto é, seguindo muito de perto o padrão das ciências exatas. Mas a crítica aos preconceitos e o exercício da tolerância são questões de adesão a valores e aderir a valores é uma questão de sensibilidade, de sentimento e vivência. Nesse sentido, retomando Aristóteles mais uma vez, vejo, por exemplo, que a tragédia na "imitação da ação de caráter elevado" é capaz de suscitar "a ação de caráter elevado" no público. É o ensino da ação pela ação. Os mitos tinham esse caráter de modelo, em que identidades e oposições a personagens eram suscitadas. Parece-me que esse é um possível caminho para a nossa reflexão e ação.

4b.

Gostaria de destacar como exemplos dois filmes para que possamos examinar em termos mais concretos essa hipótese. Trata-se de *Doze homens e uma sentença* e *Sementes de Violência*. São filmes hollywoodianos e, por isso, um tanto mais esquemáticos do que os filmes europeus ou brasileiros. Mas justamente por isso servam melhor do que os outros. São feitos para o público em geral, heterogêneo em termos de classe, faixa etária e nível educacional.

O filme *Doze homens e uma sentença* traz a história, quase em tempo real, de doze jurados que têm de decidir sobre a sentença a ser aplicada a um jovem acusado de ter matado o pai. Numa primeira votação, ficam 11 contra 1 a favor da condenação à morte. A decisão tem de ser unânime. O jurado dissidente diz ter uma "dúvida razoável", condição necessária e suficiente para declarar o réu "não culpado". Todo o esforço do filme, então, é desenvolvido sobre a necessidade do exercício da "argumentação para a produção do consenso", no qual a dúvida razoável se torna o elemento fundamental para fazer frente aos preconceitos. Isso é importante porque para nós que tratamos de educação, a dúvida, em oposição ao preconceito, é um instrumento poderoso. Quer na educação científica, quer na educação política, quer na educação moral, o uso da razão e o benefício da dúvida são pressupostos para que ocorra a mudança necessária para que a educação se efetive. O jurado dissidente procede, então, ao questionamento das provas, apresentadas pela promotora, e dos argumentos, apresentados pelos outros jurados. As provas são circunstanciais e os argumentos são preconceituosos. Por fim, derrubados provas e argumentos, o benefício da dúvida – pois não se diz inocente, mas sim não culpado – leva à absolvição do jovem. O filme é feito de encomenda, pode-se dizer, e a atitude do jurado dissidente é de condução dos debates, enquanto os outros ficam na defensiva. Mas o filme revela também as estruturas do tribunal público, uma das colunas mestras da democracia americana. Por outro lado, os jurados encontram-se em situação também muito especial: são absolutamente iguais, não se estabelecendo entre eles nenhuma hierarquia; tal como se dá entre cidadãos por época das eleições representantes do povo, outra coluna mestra da democracia.

4c.

O outro filme, *Sementes de Violência*, tem aparência diversa, mas aqui e ali podemos encontrar temas recorrentes, sobretudo objetivos semelhantes ao anterior. O filme ocorre em um espaço que me interessa de perto, para a minha pesquisa institucional, "A escola vista pelo cinema". *Sementes de Violência* é a história de um professor, ex-soldado que retorna ao país e busca um emprego numa escola pública do subúrbio. São os anos '50 e a juventude está passando por um processo de mudança de comportamentos: é o rock'n'roll, são os 'blue jeans', é o consumo de bebidas, são as experiências sexuais, é a contestação do sistema representado pela escola e professores. A "indisciplina escolar", como em nossos dias, talvez seja a expressão que sintetize como expressão esses comportamentos ditos desviantes. O momento também marca uma das etapas de implantação de "políticas de inclusão" das populações marginalizadas: negros e latino-americanos. Os jovens se ressentem de uma educação escolar diversa daquela que recebem em seus lares. Lá, na vida privada, as políticas de inclusão não são reconhecidas como naturais na democratização de oportunidades, mas, simplesmente, como desgoverno. Algo semelhante se passa entre os professores: as políticas de inclusão – ou de democratização do ensino – não passam de mecanismos de controles sociais da violência dos jovens, transferidas da família ou da polícia para os professores. "- A escola é uma grande lata de lixo da sociedade e nossa função é sentarmo-nos sobre a tampa para que o lixo não transborde" ou "- Nós mantemos esses jovens delinquentes na escola para que as senhoras, mães de família, possam andar em paz pelas ruas da cidade", diz o professor experiente, em fim de carreira.

O professor recém-contratado, Dadier, traz uma novidade consigo: ele não está animado pelos velhos preconceitos nem pensa na escola como um fim em si mesmo. Apesar dos muitos conflitos que vive, consegue vencer: de um lado, combate a liderança negativa – um jovem irlandês, envolvido com bebidas e roubo de carros – e valoriza a liderança positiva – um jovem negro que trabalha como mecânico para ajudar em casa. Ele vence também porque pensa na escola como meio, sobretudo de preparação para a vida. Pois bem, um dos recursos que utiliza para alterar suas relações com a classe é justamente a projeção de filmes, a partir dos quais mantém debates sobre a vida: o certo e o errado, o justo e o injusto, o bem e o mal etc..

5.

Como dissemos, os filmes trazem para nós situações concretas sobre as quais passamos a refletir. Mas não podemos nos esquecer de que assim como Aristóteles falou da função catártica das tragédias, ele só o fez na medida em que as tomou como um objeto de estudo, mantendo em relação a elas um distanciamento. Essa é a outra razão de estarmos aqui discutindo as relações entre cinema, tv e cidadania.

Não se pode apenas mergulhar na narrativa e identificar-se ou opor-se aos personagens: ver no cinema e na tv um espelho no qual se reflete nossa imagem. Há um segundo momento importante, quando se reflete sobre nossa imagem. Qual é a imagem que vemos no cinema e na tv? Qual é a imagem social, por exemplo, do professor, do aluno, do réu e do jurado? Qual é a imagem da sociedade que aparece no cinema ou na tv? É nesse sentido que a presença desse recurso didático tem sua função potencializada, pois não serve apenas para veicular um discurso sobre a realidade, que aparece neutro porque, cabe frisar, a imagem favorece essa "impressão de realidade". É nesse sentido que eu retomo a idéia de empresa epistemológica: pesquisa da realidade, pesquisa do recurso didático, pesquisa das

representações sociais sobre a realidade, veiculadas por esse recurso. Além de outras mais amplas ou mais técnicas.

6.

Para concluir, gostaria de lembrar que o cinema e a tv ainda não foram inteiramente reconhecidos e incorporados pela escola, apesar de o cinema ser centenário e a tv ter passado, no Brasil, dos 50 anos de existência. Apesar, sobretudo, de serem excelentes meios de educação: complementares ou suplementares à educação dita convencional.

Não bastassem muitas das razões que poderíamos apresentar, há ainda uma *last but not the least* irrecusável – para o bem e para o mal –, cinema e tv são práticas sociais (TURNER, 1997): fazem parte da economia, do poder e da cultura. Merecem ser tratados pelos conteúdos e formas de que são compostos como material fundamental para entender o mundo contemporâneo e a sociedade brasileira de hoje. E se está em causa intervir para mudar o jogo, é necessário conhecer as regras do jogo, sobretudo conhecer as regras para mudar as regras do jogo. Esse é o papel da escola comprometida com a democracia, com a inclusão, com a tolerância e a autonomia do sujeito. E o cinema e a tv têm muito a ver com isso tudo.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*, São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Col. Os Pensadores)

_____. *Poética*, São Paulo: Abril cultural, 1979 (Col. Os Pensadores).

METZ, C. *A significação no cinema*, São Paulo: Perspectiva, 1972.

MORIN, E. *O cinema ou o homem imaginário*, Lisboa: Moraes, 1970.

SERRANO, J. *Epítome de História Universal*, Rio de Janeiro: Francisco Alve, 1912, apud BITTENCOURT, C. *Cinema, vídeo e ensino de história*, São Paulo: mimeo, s/d.

TURNER, G. *Cinema como prática social*, São Paulo: Ed. Summus, 1997.

XAVIER, I. (org.) *A experiência do cinema*, Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.

Filmes

Doze homens e uma Sentença (Twelve Angry Men), USA, 1957; Dir.: Sidney Lumet; Elenco: Henry Fonda, Lee J. Cobb, Martin Balsam

Sementes de Violência (Blackboard Jungle), USA, 1955, Dir.: Richard Brooks; Elenco: Glenn Ford, Sidney Poitier, Vic Morrow.

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Edição: 2003 - Vol. 28 - Nº 02 > [Editorial](#) > [Índice](#) > [Resumo](#) > **[Artigo](#)**